



ANO 45 - JULHO A SETEMBRO 2007 - Nº 178

A PROMESSA DE DEUS

Aos Obreiros

Um obreiro é aquele que executa uma obra. Obra, por sua vez, é o conjunto das ações realizadas por alguém, alguma coisa ou um fenômeno (natural, social, psicológico) tendo em vista um certo resultado.

Transpondo esse vocábulo para a área espiritual, entendemos que um “obreiro” é todo aquele que executa a obra de Deus aqui na Terra.

Todos os que recebem Jesus Cristo como o Senhor de suas vidas se submetem à situação de servos. Os servos obedecem ao desejo do seu Senhor, agindo para desempenhar o que lhes é designado, logo todos são “obreiros”.

Ao final do “sermão do monte das Oliveiras”, dois dias antes da Sua crucificação, o Senhor Jesus contou uma parábola que, embora contada no contexto dos dias finais antes da Sua segunda vinda e da seleção dos que vão participar do Seu reino milenar, bem ilustra o obreiro cristão. É a “Parábola dos Talentos” encontrada em Mateus

25:14–28, em que três servos de um senhor, que partia em viagem, receberam um valor em dinheiro, cada um correspondente à sua capacidade, a fim de negociar e produzir lucro para ele.

O Senhor Jesus está atualmente ausente, e também distribui responsabilidades correspondentes à capacidade de cada um dos Seus obreiros. É comum confundir

os “talentos”, medida de moeda usada na parábola, com qualidades naturais ou adquiridas, como habilidades físicas e mentais que denominamos também de “talentos”. Estas qualidades é que constituem a “capacidade de cada um”, e é em função destas que são distribuídas as responsabilidades, os “talentos” da parábola.

Ao voltar o senhor da parábola, ele acertou contas com os seus servos, e verificou que os dois que haviam recebido mais para aplicar haviam trabalhado bem e obtido bom resultado, proporcional ao valor que receberam.

**Um dia os obreiros
haverão de prestar contas
ao Senhor Jesus pela
maneira como
executaram as tarefas
confiadas à sua
responsabilidade.**

Efetivamente demonstraram ser verdadeiros "servos" porque fizeram o que o seu senhor lhes ordenara e obtiveram sucesso.

Um dia os obreiros haverão de prestar contas ao Senhor Jesus pela maneira como executaram as tarefas confiadas à sua responsabilidade. Ter-se-ão aplicado em Sua obra, nas oportunidades que se lhes ofereceram, com amor e dedicação, tendo assim algo de positivo para apresentar quando o Senhor voltar? Quanto mais tiverem se envolvido no trabalho do Senhor, mais responsabilidades lhes serão confiadas: *"a qualquer que tiver será dado, e terá em abundância..."*. Finalmente, *serão honrados com a aprovação do Senhor, e recompensados com a sua nomeação para algo mais importante: "Disse-lhe o seu senhor: Bem está, bom e fiel servo. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor"* (Mateus 25:23).

Na parábola há uma séria advertência aos falsos obreiros, que são como o terceiro servo da parábola que nada fez além de enterrar o que tinha recebido. Ele provou que na verdade não amava o seu senhor, pois nada fez em seu benefício e ainda o insultou quando veio prestar contas. Se, ao menos, tivesse entregue seu dinheiro aos banqueiros para que rendesse juros, ainda teria sido aprovado.

Se um obreiro realmente ama o Senhor e se acha incapaz de tomar uma responsabilidade, pelo menos tem a oportunidade de dar o seu apoio financeiro, etc., a outros que o possam usar para o Senhor. Como exemplo, podemos citar diversas formas de apoio aos trabalhos missionários, de evangelização, etc.

O servo mau e negligente da parábola simboliza os que apenas se apresentam como sendo de Cristo, mas na

realidade nunca se converteram, na realidade não O amam e nada querem fazer por Ele, até mesmo se ressentem contra ele. Serão severamente repreendidos pelo Senhor como servos inúteis e condenados ao inferno.

A obra do Senhor às vezes parece desapontadora. O obreiro se afadiga e vê pouco resultado, às vezes mesmo nenhum. Como ele gostaria de ver almas se chegando para ouvir o Evangelho, e recebendo de bom grado as boas novas de salvação! Mas o interesse é pouco, o inimigo parece prevalecer, e a tentação de desistir é grande. Mas o Senhor promete, nas palavras de Paulo: *"Meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor"* (1ª Coríntios 15:58). O nosso trabalho para o Senhor, seja ele qual for, nunca será em vão se for feito segundo a vontade dEle. O resultado será positivo, mesmo quando não podemos vê-lo diante de nós.

Deus nunca Se esquece do nosso trabalho, e do amor que demonstramos para com o Seu nome, em qualquer coisa que façamos para Ele, e para o bem-estar dos demais obreiros, ou santos: *"Deus não é injusto para se esquecer da vossa obra, e do trabalho do amor que para com o seu nome mostrastes, enquanto servistes aos santos; e ainda servis"* (Hebreus 6:10). Toda e qualquer coisa que façamos para o bem da obra de Cristo, como contribuições financeiras, sacrifícios de oração, dedicação de tempo para encorajamento, conforto e admoestação, hospedagem, e muito mais - tudo ficará gravado na infalível memória de Deus. Tudo é serviço para ser prestado revelando o nosso amor e dedicação ao nome de Deus, e do Seu Amado Filho, e nunca é inútil. Haverá recompensa para cada obreiro

em proporção com o seu próprio trabalho: *"Nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento. Ora, o que planta e o que rega são um; mas cada um receberá o seu galardão segundo o seu trabalho"* (1ª Coríntios 3:7-8). Plantar e regar são funções diferentes num jardim, e Paulo aqui afirma que nem ele, que pregou o Evangelho, nem Apolo que ensinou os novos convertidos, são importantes por si próprios, pois é Deus que dá o crescimento. Os dois são uma unidade, pois sem plantar nada brota, e sem regar nada sobrevive. Cada obreiro faz a sua parte e receberá o galardão segundo o que o seu trabalho merece. Isso se aplica a todo trabalho na obra de Cristo, onde há muitos obreiros, cada um fazendo a sua parte.

Em lugar nenhum encontramos o ensinamento de que um obreiro receberá galardão em função do trabalho de outro, por exemplo, um irmão que ora, e contribui financeiramente para o trabalho de outro irmão envolvido diretamente em uma obra missionária não é responsável nem receberá galardão segundo o que o trabalho do outro merece. Cada um é um obreiro, servo do Senhor, e seu galardão tem a ver exclusivamente com o seu próprio serviço, como vimos acima.

Certos obreiros, no desejo de dedicar o seu tempo integral para a obra de Deus, abrem mão do trabalho secular e respectiva remuneração. Seu sustento deveria vir, em primeiro lugar, dos que são beneficiados pelo seu ministério (1ª Coríntios 9:14). Mas muitos não usam desse direito, seguindo o exemplo de Paulo, a fim de apresentar o Evangelho gratuitamente, passando a depender inteiramente da provisão de Deus. Às vezes, como Paulo, eles encontram trabalho remunerado em sua área de trabalho, outras vezes contam com a contribuição daqueles do povo de Deus que têm os recursos disponíveis e são movidos a, dessa forma, cooperar com seus irmãos "na vanguarda", que é um privilégio do cristão (2ª Coríntios 8:7).

Em suma, são todos coparticipantes do trabalho de Deus, todos os seus recursos para a obra são provenientes de Cristo, e é Deus Quem dá o crescimento. Serão julgados pessoalmente pela maneira como empregaram seus recursos. Se tiverem colaborado com outros obreiros, sem dúvida o julgamento ainda assim terá por base o valor da sua própria colaboração, mas não serão responsabilizados também pela parte que coube aos outros.

R. D. David Jones

O PASSO MAIOR QUE A PERNA (3)

"O ímpio pede emprestado e não paga" (Salmo 37:21a)

Quando compôs o Salmo 37, Davi deixou manifesta toda a sua contrariedade às práticas dos incrédulos que pervertiam os reais valores morais, dentre eles a prática imoral do "calote": *"O ímpio pede emprestado e não paga"* (v. 21a). Isso era algo inconcebível aos olhos daquele que era o *"homem segundo o coração de Deus"* (Atos 13:22b).

O "calote" é algo tão injurioso que

jamais deveria ser praticado por aqueles que se declaram crentes no Senhor Jesus. Portanto, os "crentes" que praticam tais coisas não poderão ser considerados "justos", pois se desqualificam na medida em que se tornam maus cumpridores das obrigações assumidas, igualando-se assim aos mundanos cujo quinhão desta vida é ser contrário aos propósitos de Deus.

Nas admoestações e promessas finais contidas em Apocalipse 20:11, é asseverado que o injusto continuará fazendo injustiça e o imundo continuará sendo imundo, mas o justo continuará na prática da justiça, e o santo a santificar-se. Quem toma emprestado e não paga significa o mesmo que roubar, logo não é justo nem santo.

No passado já houve quem dissesse: “Um homem temente a Deus tem o mais longo crédito (moral) conforme concordará qualquer banqueiro, pois é verdadeiro que pessoas que cultivam uma fé autêntica, mesmo que tenham pequenas posses, são as que têm os mais rígidos princípios morais”. Quão lamentável é que isso deixou de ser verdadeiro em nossos dias! Já não é assim que pensam os banqueiros a respeito dos “evangélicos” que, de forma pejorativa, os ridicularizam afirmando que “vigarista é tudo igual, só muda de endereço... e de religião”. Como é triste, irmãos, ouvir um termo tão chulo dirigido a alguém que testemunha ser cristão.

Essa afirmação tornou-se uma cruel realidade, pois não está havendo o menor pudor por parte de não poucos “crentes” ao pedirem dinheiro emprestado para fazerem algum tipo de investimento, ou para atenderem seus distorcidos anseios de prosperidade, ou por quererem dar “o passo maior que a perna”, sabendo de antemão que não terão condições de quitarem as dívidas assumidas. O pior é que para isso esses “crentes” não vacilam em faltar com a verdade, adulterar documentos comerciais, ou até prestar declarações cadastrais inverídicas, dentre outras práticas lamentáveis, a fim de alcançarem o que buscam.

Tendo em vista a minha longa

carreira no segmento financeiro, posso afirmar que tais afirmações não dizem respeito a algumas poucas exceções, ou que estariam concentradas em determinadas denominações evangélicas “triumfalistas”. Não haveria espaço aqui para descrever os muitos casos que vivenciei, ou que chegaram ao meu conhecimento.

Dentre esses casos, permita-me citar um como exemplo claro acerca desse doloso procedimento: Os elementos da natureza revelavam todo esplendor da criação de Deus naquela linda manhã, mas tudo isso passaria a ser uma manhã de triste lembrança pela decisão que viria a ser tomada naquele dia. O telefone celular do automóvel toca! Do outro lado surge uma voz que faz uma efusiva manifestação: “Como vai o meu querido amigo...”. Esse tratamento maneiroso fazia parte do golpe que viria mais à frente. Após uma exaustiva exposição de motivos, o “empresário evangélico” pediu um empréstimo de alguns milhares de reais para cumprir com as prementes necessidades em seus negócios.

**Como é triste, irmãos,
ouvir um termo tão chulo
dirigido a alguém que
testemunha ser cristão.**

Como se tratava de uma pessoa bastante conhecida e que participava da liderança de uma igreja, não haveria dúvidas em atender aquele pedido

que seria feito sem nenhum tipo de correção do valor emprestado por se tratar de uma relação entre “domésticos na fé” (Gálatas 6:10b).

O tempo passa, o combinado não é cumprido, o golpe é engendrado, o telefone volta a tocar para agora dizer, com ásperas palavras, que por recomendação dos seus advogados aquele empréstimo não seria pago. Ou seja, o “caloteiro evangélico” tinha recursos para contratar caríssimos advogados,

mas não os tinha para pagar o empréstimo pessoal assumido com alguém que seria seu irmão de fé. Ele sabia que quem lhe fizera o empréstimo não entraria em uma demanda judicial em respeito aos princípios bíblicos que determinam que um irmão não entre em juízo contra outro irmão (não deixem de ler 1ª Coríntios 6:1-11). Diante disso temos que dar razão aos que afirmam que vigarista é tudo igual e, atualmente, só muda de religião.

Realmente é muito triste ter que narrar acontecimentos nada edificantes como esse, mas devem servir de alerta aos cristãos verdadeiros para certas práticas dolosas que têm se observado de forma até certo ponto exacerbada em nossos dias entre os “crentes” de todos os rótulos. Há que se pôr fim nessa distorção de que “cada um, e não Deus, elabora suas próprias normas e define a forma de como irá viver”, pois tal coisa não deve ser praticada, em nenhuma hipótese, por aqueles que são cristãos autênticos, pois isso faz parte das práticas imorais dos ímpios que, inclusive, proliferam disfarçados em crentes ou empresários evangélicos.

Em nossos dias, busca-se uma espiritualidade sem ética, sem moral, e há aqueles que praticam uma ética sem espiritualidade, todavia as duas – a espiritualidade e a ética – precisam caminhar juntas. Não podemos perder a capacidade de nos contentar com o que temos e não desejar nada que não seja nosso. Portanto, reitero o que já escrevi: tomar emprestado e não pagar o que se deve

é o mesmo que roubar, pois ficou com aquilo que não é seu, logo estará sob condenação pelo ato imoral, pois quem semeia coisas injustas colhe para si as coisas más (Provérbios 22:7).

Em Romanos 14:8, diz Paulo: “A ninguém fiquéis devendo coisa alguma”. Segundo F. E. Stallan, as palavras iniciais deste versículo têm sido mal entendidas. Paulo não quis dizer que é errado ser devedor, o erro está em deixar de pagar a dívida ou pagá-la quando for conveniente ao devedor.

Quando no monte, o Senhor Jesus deixou claro em seu sermão: “*Seja, porém, a tua palavra sim, sim; não, não. O que disto passar vem do maligno*” (Mateus 5:37). Se assumirmos um compromisso ao dizermos “sim”, temos que ir até o fim mantendo a palavra empenhada porque ela é preciosa. Os que prometem e não cumprem, perdem o respeito próprio, e aqueles que o cercam passam vergonha pelos seus atos. A vida das pessoas que praticam o “calote” consiste em fugir; gastam muito mais energia desonrando a palavra do que os honestos gastam para manter os seus compromissos em dia.

É totalmente errado o cristão assumir aquilo que não poderá cumprir, pois aí estará dando “o passo maior que a perna”. O cristão deverá, sempre, considerar bem o risco antes de continuar com projetos que incluam a assunção de dívidas, quer sejam financeiras, sociais ou morais, pois deverá agir, sempre, de boa fé. Permita Deus que assim seja!

José Carlos Jacintho de Campos

DIREITO DE DEUS SOBRE O CRENTE

O direito de Deus sobre nossa família (conclusão)

A família é a mais antiga instituição da raça humana. Foi estabelecida antes das nações, da Igreja, da Escola ou de qualquer Instituição humana. A

família é a única instituição bíblica antes da entrada do pecado no mundo (Gn 1:26-31; 2:18-25). Mas a família como instituição divina tem sido atacada pelo

inimigo de Deus de maneira a corromper os bons costumes e a destruir a imagem do Criador. Ora Deus tem todos os direitos sobre esta instituição por Ele criada.

Segundo o conceito bíblico, a família é constituída pelo marido (homem), esposa (mulher) e filhos. Todas as combinações diferentes dessa adulteram o propósito de Deus e é pecado, porque são abominação ao Senhor (Lv 18:22, etc) Por isso:

A família deve ser protegida e preservada

Reconhecer que Deus tem todos os direitos sobre a família está na conscientização de que a família pertence a Deus e que deve ser preservada contra toda a possibilidade de desagregação. Deus não só instituiu, mas ordenou a continuação da família através de um relacionamento sadio e de temor a Deus. A família representa a unidade básica da sociedade, por isso ninguém tem o direito de interferir ou fazer alterações no plano divino (Mc 10:1-12; Mt 19:1-12). A igreja é responsável pelo ensino bíblico de orientação da família cristã em todas as suas esferas.

Deus não instituiu o casamento por acaso. Ele tinha um propósito previamente estabelecido.

O matrimônio é uma necessidade para a vida. Ele criou o homem e a mulher para viverem em felicidade e no prazer da comunhão: física, moral, sexual e espiritual.

O matrimônio é obrigatório no conceito de Deus para a multiplicação da raça humana, para a criação de filhos e para a sua sustentação (Gn 1:27-28).

O casamento foi criado para durar, dentro de um harmonioso relacionamento entre marido e mulher, pais e

filhos. Ordena a Bíblia que haja respeito mútuo, amor e compreensão entre as pessoas da família (Mt 19:6; 1ª Co 7:20; Ef 5:25, 28, 31; 6:1-4).

A família deve ser uma estrutura moral e espiritual

Os direitos de Deus sobre a família manifestam-se no reconhecimento e obediência aos princípios básicos da constituição da mesma. O primeiro princípio é o da união entre o homem e a mulher; não só uma união física, mas também de um entendimento perfeito, de uma comunhão genuína e espiritual entre eles mesmos e Deus. O segundo princípio é o da realização pessoal e mútua. O terceiro princípio é o da perpetuação da espécie sobre a Terra. Não por outro meio, nem de outro modo, mas é pelo casamento e, naturalmente, a família. A família deve ter bem presente os princípios divinos

Viver em família implica conhecimento e responsabilidade dos princípios divinos estabelecidos. Vamos examinar alguns itens:

A família representa a unidade básica da sociedade, por isso ninguém tem o direito de interferir ou fazer alterações no plano divino.

1 – Os deveres conjugais. Para que haja um relacionamento sadio e de plena compreensão é necessário que ambos os

cônjuges se auto-administrem em perfeita comunhão considerando que o Senhor é o líder do casamento e o Senhor das suas vidas. A vida conjugal deve apoiar-se no amor que é fundamental para um sentimento de confiança ao longo da vida (Ef 5:22-25, 28-33). O amor não deve ser egoísta querendo unicamente a satisfação de uma das partes. Num lar cristão governado pelo amor não há lugar para ciúmes doentios, atitudes frívolas, agressões físicas ou palavras rudes. Ninguém magoa a sua própria carne (Ef 5:29), já que ambos (marido e mulher),

pelo casamento, são “uma só carne” (Ef 5:31). No relacionamento conjugal deve existir intimidade com respeito mútuo, para que a união conjugal não se desmorone facilmente. O amor entre os cônjuges cria um ambiente de felicidade e tranquilidade no meio dos que habitam esse lar.

2 – A fidelidade conjugal. A infidelidade no lar e na vida conjugal tem sido a ruína de muitos casamentos e vidas. O casal deve administrar as suas necessidades físicas de modo a haver reciprocidade e satisfação mútua. A Bíblia fala de exclusividade e pureza no casamento (1ª Ts 4:3–4).

3 – A chefia no lar. Deus deu o privilégio ao homem de ser o responsável pela família e por todas as suas decisões. A ele pertence o lugar de líder, de cabeça da mulher e do lar (Ef 5:23).

Notemos o que a Bíblia ensina aos maridos cristãos: “Igualmente vós, maridos, coabitai com elas com entendimento, dando honra à mulher” (1ª Pe 3:7). Ora vemos aqui o papel altamente responsável do marido: Amar sua esposa. Quem ama não fere. A responsabilidade da esposa é de obediência e submissão ao marido (Ef 5:22, 24, 33). Esse princípio é refutado veementemente pela sociedade moderna, porque não o entende, porque é divino, não humano. A obediência envolve submissão que deve ser entendida com respeito e reverência à posição do homem no contexto de família. Não significa uma submissão cega, incoerente com os princípios de vida conjugal estabelecidos por Deus. Essa submissão é, antes de tudo, “como ao Senhor”. A mulher que entende a sua posição na família é feliz, não é escrava, criada ou objeto do seu marido, antes é companheira, auxiliadora, amiga e amada. O marido que entende a sua posição no

casamento não é rude, autoritário, intolerante, prepotente, mas sim um companheiro, amigo, sustentador, protetor e revela constantemente o seu amor à sua amada.

Também o cultivo na vida espiritual é fundamental dentro da família. Cabe ao chefe da família conscientizar-se do seu papel espiritual como sacerdote da família (Êx 12:26, 27; Ap 1:6).

4 – Os deveres familiares. Os pais têm a importante missão de delinear os rumos da vida dos seus filhos, de tal forma que, desde a infância até se tornarem adultos, sejam felizes.

A Bíblia é o manual por excelência de educação moral, cívica e espiritual para todas as idades.

A disciplina é a chave do sucesso da instrução familiar. Diz o sábio provérbio de Salomão: “Instrui ao menino no caminho em que deve andar, e até quando envelhecer não se desviará dele” (Pv 22:6). Para a criação dos filhos existem alguns requisitos essenciais: Maturidade, capacidade emocional, física, moral e espiritual, amor e disciplina.

Em conclusão podemos perceber que quando Deus exerce os seus direitos sobre a família, o lar vive em paz e com a alegria de poder honrar o Senhor dos Altos Céus.

A família tem prazer em estar junta e se comunicar entre si. Tem deleite em desfrutar as experiências individuais de cada um, e tem a alegria de viver uma vida espiritual em harmonia com os preceitos de Deus, seja no lar, seja com a igreja local.

Que cada um de nós possa entender que ter Deus em primeiro lugar nas decisões de todas as coisas é um princípio que Lhe agrada e nos proporciona uma consciência de que os direitos de Deus sobre nós não são pervertidos.

Samuel Pereira

BARNABÉ (2)

A SUA MORDOMIA FINANCEIRA

Barnabé era um homem generoso. Ele vendeu propriedades e deu o dinheiro à igreja para aliviar os pobres (At 4:36, 37). Ele não foi o único homem bondoso entre os cristãos (v. 34), mas visto que ele foi o único mencionado, pode indicar que Barnabé se salientou na sua generosidade.

Há sete fortes razões Bíblicas para generosidade:

1. Generosidade é **semelhante a Cristo**. É o centro do evangelho. 'Sendo rico, por amor de vós se fez pobre' (2ª Co 8:9).

2. O Senhor **o ordenou** (Mt 6:19–21), e deu duas razões — uma material, e a outra espiritual.

i) Bens materiais são inentemente inseguros, e têm que ser renunciados no final da vida enquanto generosidade ganha um retorno garantido e eterno do banco do céu (1ª Tm 6:17–19).

ii) Riquezas, possuídas ou desejadas, agem como um ímã no nosso coração, e comprometem a nossa devoção a Deus (1ª Tm 6:9, 10).

As referências bíblicas para os itens 3–7 se encontram em Fp 4.

3. Generosidade **anima** o recipiente (v. 10). Paulo ficou comovido pela dádiva dos filipenses, porque ele sabia que foi uma expressão do seu amor e cooperação com ele no seu trabalho para Deus.

4. Dar **facilidade** à obra de Deus (v. 16). Deus tem escolhido usar pessoas, e o seu dinheiro, para manter a Sua obra, por exemplo, no tabernáculo (Êx 25:1–7); para suprir as necessidades materiais dos Seus servos (1ª Co 9:7–11); e até providenciar para o Senhor

mesmo durante o Seu ministério terrestre (Lc 8:1–3). Muito serviço importante feito hoje não poderia ser feito sem dinheiro. E até mais poderia ser feito se o povo de Deus contribuísse mais generosamente.

5. O que eu dou é creditado na minha **conta celestial** (v. 17). O salário de John Wesley era quarenta libras por ano. Ele sustentou-se com trinta libras e deu dez libras à obra de Deus. Quando foi aumentado para cinquenta libras, ele ainda sustentou-se com trinta libras, mas regozijou que agora ele poderia dar vinte libras a Deus. Assim, o seu nível de vida não melhorou, mas o saldo na sua conta celestial aumentou! O que eu gasto, eu *tinha*. O que eu guardo, eu *perco*. O que eu dou, eu *tenho* (eternamente).

6. As minhas dídivas são como **perfume** para Deus (v. 18). Resultam em bênção em três aspectos diferentes:

i. Elas “pagam” para que a obra de Deus seja feita, assim a obra é beneficiada.

ii. Elas são creditadas na minha conta no céu, então *eu* sou beneficiado.

iii. Deus as considera como sacrifícios oferecidos a Ele pessoalmente, e *Ele* está contente. É como se cada dádiva que eu dou fosse multiplicada por 3!

7. Deus **supre as necessidades** dos que Lhe dão (v. 19), mas note — Ele não promete enriquecimento material como galardão para generosidade.

Um pensamento: “Trabalhe muito, consuma pouco, dê muito — e tudo para Cristo” (A. N. Groves).

John McQuoid
Trad. J. Crawford

O que eu dou é creditado na minha conta celestial.

SALMOS MESSIÂNICOS

Salmo 110 - O Sacerdócio de Cristo

O Salmo 110 é mencionado quatorze vezes no Novo Testamento, mais freqüente do que qualquer outra passagem do Velho Testamento, e em cada caso é aplicado ao Senhor Jesus Cristo. E não são somente os apóstolos Pedro e Paulo e o autor da carta aos Hebreus que fazem esta identificação, mas temos a própria autoridade do nosso Senhor, que citou os escritos de Davi sob a inspiração do Espírito Santo (Mt 22:41-46). Seu argumento gira em torno de dois tópicos: primeiro, Davi foi o autor do salmo; segundo, aquele Davi inspirado pelo Espírito de Deus chamou seu filho de seu Senhor. Os fariseus entenderam esse fato e nem tentaram discuti-lo.

O Salmo segue o Salmo 109, onde o Messias é apresentado como homem "pobre e necessitado". Aqui ele é o Senhor exaltado.

O Salmo 110 nos dá a chave da história. O Único que sozinho pode endireitar os erros da terra, acalmar a tempestade, quebrar as algemas, curar as feridas, endireitar as maldades, dissipar a escuridão e está oculto nos

Céus, porque não havia lugar para Ele na terra. Ele está sentado à mão direita de Deus, privilégio exclusivo de Filho e Herdeiro, aguardando a hora quando Deus intervirá a Seu favor na terra, fazendo de seus inimigos estrado de seus pés" (Max Isaac Reich).

O salmo dá três quadros magníficos de Cristo, encerrando com um deleitável apêndice.

1) Como Sacerdote exaltado à direita de Deus (v. 1) – Esperançoso.

2) Como Rei-Sacerdote – autoridade para governar (vs. 2-4) – Resplendente.

3) Como Juiz Ele tratará com seus inimigos (vs. 5-6) – Triunfante.

4) Apêndice – Ele bebe e levanta a cabeça (v. 7).

Temos uma magnífica afirmação da divindade no começo e um delicioso toque da humanidade no final.

As duas declarações:

"Assenta-te!" (v. 1) Dois mil anos no trono do Seu Pai;

"Domina!" (v. 2) Mil anos no trono no milênio.

1 - O sacerdote exaltado à mão direita de Deus (v. 1)

"Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés". "O oráculo de Jeová para o meu Adonai". Gifford afirma que as palavras de abertura perdem sua força na versão King James.

O termo é usado freqüentemente por profetas no Velho Testamento, para

introduzir um solene oráculo de Jeová. Ele é usado somente aqui, neste Salmo. A primeira menção se encontra em Gênesis 22:16: "E disse: Jurei

por mim mesmo, diz o Senhor".

"É a mais alta reivindicação à inspiração".

A língua inglesa é pobre ao transmitir esta majestosa afirmação.

Davi, falando pelo Espírito, dá-nos um cenário de um conselho da Divindade, entre Pai e Filho.

Em resposta à ordem: "Assenta-te à minha direita", quatro vezes na Carta aos Hebreus nós vemos o Filho assentado à mão direita de Deus:

Como *purificador de pecados*, maior que os profetas, o único ao qual

**Davi, falando pelo Espírito,
dá-nos um cenário de um
conselho da Divindade,
entre Pai e Filho.**

Deus deu uma final e completa revelação (1:1-5).

Como *Sumo Sacerdote* que é capaz de nos aproximar de Deus (8:1-2).

Como *O único que completou seu trabalho sacrificial* tendo pela Sua única oferta aperfeiçoado para sempre os que são santificados (Hb 10:1-12).

Como *Precursor e aperfeiçoador da fé*. Ele é exemplo e inspiração de fé do seu povo (Hb 12:1-3).

O sacerdócio de Cristo em Hebreus é apresentado de dois modos: Primeiramente, segundo a ordem de Arão; em seguida, segundo a ordem de Melquisedeque.

O período sacrificial do sumo sacerdócio de Arão foi executado no altar do holocausto. No ritual do Dia da Expição descrito em Levítico 16, Arão entrava no Santo dos santos três vezes, vestido com um vestuário de linho. Primeiro, com o incenso, o qual ele colocava perante o propiciatório (Hb 9:4). Em segundo lugar, com o sangue de um touro o qual ele oferecia por si e por sua família. Finalmente, com o sangue como oferta pelo pecado, o qual ele espargia no propiciatório e sete vezes na frente dele. Isso tipificava a grande obra da propiciação que apon-tava para Deus.

Então ele saía ao altar onde o bode expiatório vivo estava esperando. Colocando suas mãos sobre sua cabeça, ele confessava todos os pecados, iniquidades e transgressões do povo, e o bode era levado por um homem à disposição para o deserto, a uma terra desabitada. Isso tipificava a substituição e remoção do pecado confessado.

O sangue aspergido na parte interna era propiciação a Deus, o pecado confessado, transferido e levado era substituição. Ambos juntos eram uma figura da obra sacrificial de Cristo na cruz.

Então Arão entrava no lugar santo e mudava suas vestes para aquelas de glória e beleza. Ele colocava a mitra sacerdotal, com as palavras: **“SANTIDADE AO SENHOR”**, inscritas numa lâmina de ouro, sobre sua cabeça. Em seguida a túnica azul com a veste sacerdotal de linho por cima. Em seus ombros, os nomes das doze tribos em grupo gravados em duas pedras de ônix, e o peitoral com os doze nomes das tribos individualmente em doze pedras preciosas de cores variadas, cada uma fixada em ouro sobre seu coração. Finalmente, a cinta em torno de sua cintura. Nessas vestimentas, ele representava o povo como um intercessor diante de Deus. Ao final desse grande dia, ele saía e, depois de oferecer um sacrifício final sobre o altar, ele levantava suas mãos e abençoava o povo com a bênção sacerdotal: **O SENHOR te abençoe e te guarde; o SENHOR faça resplandecer o rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti; o SENHOR sobre ti levante o rosto e te dê a paz** (Nm 6:24-26).

Hebreus 9 é o cumprimento do Dia da Expição, começando com o incensório dentro do véu e terminando com as palavras: **assim também Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que O aguardam para a salvação.**

Como *Sacerdote*, hoje no trono, Ele tem um trabalho triplo por Seu povo:

Como *Advogado*, Ele cuida dos seus pecados. **Filinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo** (1ª Jo 2:1).

Como nosso *Intercessor*, Ele cuida de nossas súplicas. (...) **Este, no**

entanto, porque continua para sempre, tem o Seu sacerdócio imutável. Por isso, também pode salvar totalmente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles (Hb 7:24, 25).

Como nosso *Grande Sumo Sacerdote*, Ele cuida de nossas tristezas. Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande Sumo Sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão. Porque não temos Sumo Sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi Ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna (Hb 4:14-16).

Embora o sacerdócio de Cristo

em Seu sacrifício e intercessão seja segundo o exemplo de Arão, é também contrário a ele. Arão falhou em muitas coisas; ele nunca se sentou, seu sacrifício tinha que ser oferecido todo ano, e finalmente ele tinha que deixar suas roupas sacerdotais e morrer. Mas nosso Grande Sumo Sacerdote era sem pecado, Ele se sentou no trono e ofereceu um sacrifício pelos pecados para sempre.

Assim, o primeiro versículo do Salmo cobre o trabalho sumo sacerdotal de Cristo à mão direita de Deus hoje, mas continua até que Seus inimigos sejam colocados sob Seus pés e feitos Seu estrado. Isso se estenderá até o arrebatamento, o Tribunal de Cristo e Sua aparição em glória. Terminará quando Deus der a segunda ordem: **Domina entre os Teus inimigos (Sl 110:2b).**

T. E. Wilson

Trad. Elaine Ferracini dos Santos

ELE É CAPAZ

***Porque naquilo que Ele mesmo, sendo tentado, padeceu,
Pode socorrer aos que são tentados - Hb 2:18***

Por ser cristão não quer dizer que a vida é fácil. Doenças, morte de entes queridos, solidão, desânimo, rejeição e perseguição por causa da nossa fé atingem todos, de tempo em tempo. Num sentido são inevitáveis, são sinônimos de vida, e os cristãos não são imunes a tais provações.

Essas dificuldades não são designadas para nos atropelar, mas antes fortalecer-nos, e são usadas por Deus para provar a qualidade da nossa fé, e tornar-nos mais semelhantes a Cristo. às vezes Ele nos livra de tais situações, mas geralmente é necessário passar por elas.

O Senhor Jesus Cristo não viveu uma vida em isolamento, que era livre de adversidades e problemas

Robert Cleaver Chapman era um homem de considerável reputação social, mas escolheu viver em circunstâncias humildes para poder fazer o serviço de Deus e estar acessível ao povo de Deus. A sua escolha foi uma pequena reflexão daquela do seu Mestre, que deixou as glórias do céu para viver e trabalhar nas cidades e municípios menos atraentes do Oriente Médio.

O Senhor Jesus Cristo não viveu uma vida em isolamento, que era livre de adversidades e problemas. *Um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado (Hb 4:15).* Ele não somente

experimentou de perto os riscos e privações da vida, mas passou por angústia e sofrimento que nós nunca vamos contemplar, e Ele fez tudo por nós. Até os discípulos do nosso Senhor gozavam mais confortos da vida, eles tinham seus lares, mas *Ele não tinha onde reclinar a cabeça* (Mt 8:20), eles, sem dúvida, dormiam numa cama confortável, mas muitas vezes Ele dormia sem conforto.

Os recipientes iniciais desta carta estavam enfrentando perseguição, rejeição, assalto físico e privação social. Foi essencial para eles reconhecer que o Cristo, a Quem os seus contemporâneos rejeitaram, era o Senhor que entendia a sua situação atual. Foram encorajados a chegar a Ele pedindo

auxílio, no conhecimento de que Ele não somente entendia a sua situação atual, mas tinha sentido a mesma quando Ele vivia na terra como Homem.

Como crentes, podemos esperar enfrentar várias provas, isso é inevitável porque tais provas *são comuns ao homem* (1º Co 10:13). Seja qual for o peso dessas pressões, a confiança de que *“Ele é capaz”* nos animaria a confiar mais na sua habilidade, não somente conduzir-nos através dessas dificuldades, *mas fazer-nos mais do que vencedores* (Rm 8:37) sobre elas.

Andy Street.

Trad. J. Crawford
Fevereiro de 2006

SENDA VIA E-MAIL:

Aqueles que desejarem receber a Senda do Cristão através de e-mail, em lugar de sua remessa via Correio, poderão solicitar-nos, fornecendo seu e-mail para: arrazmaz@uol.com.br ou jennycraw@netsite.com.br

SENDA PELO CORREIO – AVISO IMPORTANTE

Tendo em vista a devolução de muitos pacotes da Senda do Cristão pelos Correios, solicitamos aos amados leitores que nos informem a mudança de endereço, pois caso contrário seremos forçados a cancelar sua remessa. Escreva-nos para um dos endereços constantes na revista, ou pela internet.

A SENDA DO CRISTÃO

Publicação trimestral cristã, sem fins lucrativos e mantida por ofertas voluntárias.

FUNDADOR: Kenneth Jones

Sugestões e artigos devem ser encaminhados ao:

EDITOR RESPONSÁVEL: Orlando Arraz Maz

Rua Oswald de Andrade, 59 - Chácara Sergipe

Cep 09894-070 - S. Bernardo do Campo - SP

Ofertas e pedidos devem ser encaminhados ao

TESOUREIRO: James Crawford

Caixa Postal, 19 - CEP 14.600-000 - São Joaquim da Barra - SP ou

Bradesco: Agência 1500-8 - C/C 006478-5 - **Favor enviar cópia do depósito**

A SENDA DO CRISTÃO NA INTERNET <<http://www.irmaos.com/>>.